

Os Rumos da Financeirização de Terras e o Agronegócio no Brasil

Maria Clara Ferreira de Amorim¹
Juliane Maria Batista de Araújo²
Maria Vitoria Regina dos Santos³
Elaine Nunes da Silva Fernandes⁴

Resumo: Com a finalidade de apresentar os resultados iniciais da pesquisa a respeito do avanço do capital financeiro, tendo sua forma de atuação no Brasil, predominada pelo agronegócio, neste artigo é feito o estudo de, primeiramente, os componentes que abrangem o modelo monopolista do capital, bem como seu desenvolvimento no início do século XX, seguido pela maneira como esse se manifesta na atual conjuntura, ademais na agricultura brasileira, juntamente com a lógica da mundialização, que resulta na flexibilidade da ação de empresas e bancos estrangeiros sobre a aquisição de terras no Brasil.

Palavras-chave: #Financeirização #Agronegócio #Exportação.

Abstract: In order to present the initial results of the research into the advance of financial capital, with its form of action in Brazil predominated by agribusiness, this article first studies the components that make up the monopoly model of capital, as well as its development at the beginning of the 20th century, followed by the way in which it manifests itself in the current conjuncture, in addition to Brazilian agriculture, together with the logic of globalization, which results in the flexible action of foreign companies and banks in the acquisition of land in Brazil.

Keyword: #Financialization #Agribusiness #Export

¹ Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas, integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Agricultura e Sociedade (GEPAS), maria.amorim@fsso.ufal.br.

² Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas, integrante do grupo PET Conexões e Saberes Serviço Social e do Grupo de Pesquisa e Extensão Agricultura e Sociedade (GEPAS), juliane.araujo@fsso.ufal.br.

³ Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de Alagoas, integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Agricultura e Sociedade (GEPAS), maria.regina@fsso.ufal.br.

⁴ Doutora em Serviço Social, docente da graduação do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas, coordenadora do Grupo de Pesquisa e Extensão Agricultura e Sociedade (GEPAS), elaine.silva@fsso.ufal.br.

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a financeirização da agricultura, objeto de estudo deste artigo, tiveram início com o exame da obra de Lenin ,Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo. Nesse estudo, o autor apresenta as bases do que veio a se constituir no capital financeiro que hoje conhecemos.

Ainda na primeira fase da pesquisa nos debruçamos sobre a categoria renda da terra através de participação no ciclo de estudos sobre renda da terra organizado pelo grupo de estudos agricultura e sociedade do qual fazemos parte. Neste estudo foi possível compreender ainda que de maneira introdutória, como ao se transformar em mercadoria, a terra vai gradativamente se tornando alvo de interesse por parte dos detentores do poder econômico.

Embora essa categoria tenha sido trabalhada por Marx no contexto do advento e consolidação do modo de produção capitalista, ela permanece atual e válida para compreender a transformação da terra em ativo financeiro atualmente disputado na bolsa de valores pelos lucros que tem proporcionado aos investidores.

A segunda parte do processo investigativo foi dedicada ao estudo do processo de mundialização da agricultura com destaque para os efeitos que essa mundialização tem provocado na América Latina e no Brasil em particular. Neste sentido, autores como o professor Ariovaldo Umbelino e Glauber Xavier contribuíram significativamente para o entendimento de que a financeirização da agricultura é o reflexo da atuação do setor financeiro sobre um setor que tem se mostrado altamente lucrativo para o capital e que encontra na fase atual da crise estrutural o cenário perfeito para disseminar a lógica de uma agricultura lucrativa porque se tornou o celeiro do mundo, conforme apregoam seus mais ardorosos defensores. É sobre os resultados dessa pesquisa que trata esse artigo que agora apresentamos.

O presente projeto de pesquisa teve como eixo norteador o método dialético e se insere num estudo que vem sendo desenvolvido sobre o processo de financeirização da agricultura brasileira, com o objetivo de desenvolver e apreender os fundamentos da financeirização de capital e como ele se expressa na agricultura no cenário atual. Para tanto, foram estudadas obras clássicas e contemporâneas que versam sobre o período de surgimento do capitalismo financeiro no século XIX e como essa nova fase do capital se mundializa se tornando também hegemônica.

Na segunda fase da pesquisa, nossas atenções se voltaram a tentar compreender como age o capital financeiro na agricultura brasileira, especialmente na fase atual em que as finanças parecem dominar o cenário econômico brasileiro em todos os ramos empresariais. Neste sentido, o estudo de autores como Lênin, François Chesnais, Ariovaldo Umbelino entre outros foi imprescindível para que o arcabouço teórico da pesquisa fosse construído.

Além da pesquisa bibliográfica, nos utilizamos de veículos de mídia que são responsáveis por divulgar os números vultosos da agricultura brasileira, além de tais como os sites do instituto pensar agro-ipa, associação brasileira do agronegócio entre

outros. nos serviram de fontes documentais também os materiais produzidos pelo observatório “De Olho Nos Ruralistas” e o site jornalístico O Joio e o Trigo.

2 A CRISE ESTRUTURAL E O AVANÇO DA ESTRANGEIRIZAÇÃO

Desde que o sistema capitalista adentrou na crise estrutural do Capital (MÉSZÁROS, 2003), o mundo passou por umas mudanças fundamentais no modo de produção e reprodução de vida que impactaram significativamente a relação entre homem e natureza.

Com a finalidade de manter as altas taxas de juros , o capital passou a avançar sobre os recursos naturais para a exploração mercantilizando ainda mais os bens naturais outrora parcialmente preservados , incluindo-se aí a terra e a agricultura. Com as mudanças orquestradas , o agronegócio passou a ter uma importância cada vez maior para o sistema porque modificou a forma de produzir alimentos , mas também criou mecanismos de especulação que potencializam a extração de riquezas a todo custo via processo de financeirização da agricultura. Para entender como funciona a nova fase de acumulação do sistema denominada de financeirização recorreremos inicialmente ao estudo da obra clássica de Lenin chamada Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo.

Nesse texto, Lenin faz um resgate da queda do capitalismo concorrencial e a ascensão de um capitalismo com base nos grandes monopólios e integração de empresas, com o objetivo de obter o aumento na concentração de produção , bem como o papel fundamental dos bancos, já que esses juntamente com as indústrias formam o que ficou conhecido como o capital financeiro . Com esse novo modelo para a estrutura de acumulação, Lenin ressalta que as iniciativas do modo de especulação tem seu foco na expropriação do capital e a partilha do mundo. Essa é uma das estratégias que potencializa o processo de produção e concentração de riqueza. Segundo o autor, é a divisão econômica que explica o processo de dependência que caracteriza regiões como a América Latina , e os demais países, que estavam sob a condição de colônia desses setores centrais.

Na segunda etapa da pesquisa, estudamos autores que nos auxiliaram a compreender de forma introdutória a fase atual vivida pelo sistema capitalista chamada de financeirização. Destacamos aqui o artigo do professor François Chesnais intitulado “Mundialização: O Capital Financeiro no Comando” que apresenta de forma sintética como o capital financeiro foi alcançando hegemonia no plano mundial.

Na sequência, estudamos o texto do professor Ariovaldo Umbelino de Oliveira intitulado “A Mundialização da Agricultura Brasileira”. Esse texto explica como o processo de financeirização do capital se expressa na agricultura mundial com destaque para o Brasil.

Naturalmente que a agricultura não seria irrelevante nesse processo de financeirização , ainda mais com o avanço do agronegócio. Esse passou a ser então o

modelo de agricultura predominante nos países da América Latina com destaque para o Brasil, que passará a ser reconhecido pela exportação de commodities, produtos esses que tem a finalidade de suprir as demandas dos países de capitalismo “avançado”.

Um outro autor que contribuiu muito para a compreensão de como o processo de financeirização da agricultura impacta os países de capitalismo dependente é o professor Glauber Xavier que em seu texto intitulado “Agronegócio e Capitalismo Dependente na América Latina: O Caso Brasileiro. Nesse texto o autor faz uma conexão do capitalismo dependente, ressaltando como o sistema atua nos países da América Latina, em especial no Brasil, a atuação dessas empresas transnacionais na região reforça o papel subordinado e dependente dessas economias ao privilegiar a exportação de bens primários para a reprodução das forças dos países mais “avançados”.

A leitura e fichamento dos textos foi seguida do estudo em grupo de um relatório produzido pelo observatório “De Olho Nos Ruralistas” intitulado “Os Financiadores da Boiada”. Nele foi possível encontrar diversos dados que apontam a presença de empresas estrangeiras sob o comando da agricultura brasileira. Além disso, o documento evidenciou a atuação política desses grupos nas instâncias políticas do país atuando fortemente para proteger os negócios do agronegócio e por conseguinte dos grupos empresariais que financiam o setor.

Um dos pontos destacados no material analisado foi o investimento voltado para o Instituto Pensar Agro-IPA, bem como a atuação dos bancos e empresas estrangeiras em aplicar dinheiro de forma direta ou indireta na instituição. Os dados abaixo revelam a quantidade investidas por cada corporação:.

Permodalan Nasional Berhad (4,942 USD Million)
Employees Provident Fund (2,909 USD Million)
BlackRock (2,473 USD Million) Vanguard (2,025 USD Million)
KWAP Retirement Fund (1,000 USD Million)
Lembaga Kemajuan Tanah Persekutuan (FELDA) (950 USD Million)
State Street (689 USD Million)
Government Pension Investment Fund (GPIF) (682 USD Million)
Capital Group (657 USD Million)
Government Pension Fund Global (GPFG) (558 USD Million)
(FLORESTAS E FINANÇAS)

Neste sentido, é interessante observar que o investimento num instituto que representa a intelectualidade do mercado agrícola brasileiro garante aos investidores dividendos interessantes como é possível perceber no trecho abaixo: mencionar o quanto de lucratividade essas empresas associadas alcançaram.

As principais empresas que integram a cadeia de financiamento do Instituto Pensar Agro (IPA), motor logístico da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), faturam juntas, por ano, mais de R\$1,47 trilhão. O valor é subdimensionado, pois leva em conta apenas balanços dos exercícios financeiros de 2019 e 2020, disponibilizados pelas próprias companhias, em informes ao mercado ou releases para a imprensa.(DE OLHO NOS RURALISTAS, 2022)

3 LÊNIN ,DO PASSADO À CONTEMPORANEIDADE

Um fator que merece ser levado em consideração é o quanto essas empresas estão correlacionadas , tanto no quesito de financeirização do agronegócio, quanto nas relações bancárias, o que nos faz a retomar ao início do século XX, quando (LENIN,2011,P.127) pontua:

“Os cartéis estabelecem entre si acordos sobre as condições de venda, as trocas, os prazos de pagamento, etc. Repartem os mercados entre si. Fixam a quantidade de produtos a fabricar. Estabelecem os preços. Repartem os lucros entre as diversas empresas, etc”.

Levando em consideração a ascensão do capital financeiro, a economia tornou-se globalizada, bem como o incentivo a empresas nacionais , dando lugar para as multinacionais, o que leva a nova forma de controle dos eixos centrais sob os eixos periféricos, de maneira que com a aliança com o Estado, conseguem adquirir terras brasileiras , seja para a implementação de uma de suas filiais, cultivo de commodities ou simplesmente para a especulação.

Durante esse processo as empresas forjaram alianças por meio da integração como forma de acompanhar esse novo modelo que se formatava, por exemplo se no caso de uma fábrica ou indústria carecesse de alguma matéria prima ou manufatura para a produção de sua mercadoria, o outro setor aliado seria o responsável por suprir essa demanda. Com isso foram nascendo características conforme se expandia esse modelo de monopólio, sendo os cartéis que passam a estabelecer essas corporações por meio de acordos de venda ou troca, ou seja , é responsável pelas negociações para a integração.

“Nem todos os ramos da indústria possuem grandes empresas; por outro lado, uma particularidade extremamente importante do capitalismo, chegado ao seu mais alto grau de desenvolvimento, é a chamada integração, isto é, a reunião numa única empresa de diferentes ramos da indústria que possam abranger fases sucessivas da elaboração de uma matéria-prima (por exemplo, a fundição do minério de ferro, a transformação do ferro fundido em aço e, em certos casos, a produção de determinados artigos de aço) ou que desempenham um papel auxiliar uns em relação aos outros (por exemplo, a utilização dos resíduos ou dos produtos secundários, a produção de embalagens, etc.).[LENIN, 2011, P.121] “.

O processo acima denominado por Lênin de centralização de capitais também pode ser percebido nas fusões que ocorrem na agricultura brasileira desde os anos de 1990 quando foi relançado o setor tem se beneficiado largamente do apoio do estado brasileiro, especialmente na exportação de commodities. A força desse modelo de agricultura ficou evidente durante a pandemia de covid-19. Na ocasião, a concentração e centralização de capitais no setor agrícola alcançou índices impressionantes, como demonstra a pesquisa realizada pela Forbes.

[...] Essa é a síntese do trabalho de pesquisa e análise de dados conduzido pela equipe da Forbes que culminou nesta lista das 100 maiores empresas do agronegócio brasileiro em 2021, jogando luz sobre os players que têm mantido o Brasil no topo da pauta da alimentação da população mundial[...]O faturamento somado das 100 empresas que constam na edição da Revista Forbes foi de R\$ 1,29 trilhão, um crescimento de 24% frente ao R\$ 1,04 trilhão de 2019. Apenas cinco companhias tiveram faturamento menor em 2020 que no ano anterior, e houve casos em que a receita mais do que dobrou graças à alta dos preços das commodities no mercado internacional. (FORBES, 2022)

Desta maneira, compreende-se que o processo descrito por Lênin pode ser facilmente verificado no movimento que o capital faz na agricultura. Importante destacar aqui que a fusão e crescimento dessas empresas conta com o apoio incondicional do Estado desde quando esse modelo de agricultura foi lançado nos anos de 1960, durante a ditadura militar. De lá para cá, percebe-se uma potencialização dos lucros do setor possibilitado pela atuação em larga escala no mercado financeiro operando indiscriminadamente com o mercado de terras como é possível perceber nos dados apresentados abaixo:

Têm sido prioridade na agenda política atual a liberação da compra de terras por estrangeiros, a promoção da financeirização da agricultura e da terra, a flexibilização das políticas ambientais e a redução do combate ao desmatamento, bem como a reforma de marcos regulatórios fundiários. Essas medidas vêm acompanhadas do acelerado dismantelamento de políticas e dos órgãos administrativos relacionados aos setores agrário e agrícola, em particular das instituições que estão à frente da defesa e regulamentação de terras indígenas (FUNAI), da instituição de medidas em prol da reforma agrária (INCRA) e do combate aos crimes ambientais, sobretudo, do desmatamento (IBAMA e ICMBio). Destacamos a recém aprovada Lei 13.986/20 (Lei do Agro) que estabelece um cenário mais flexível para o crédito rural, ao instituir o patrimônio de afetação, e altera a Lei 5.709/71 possibilitando que pessoas jurídicas estrangeiras obtenham a propriedade de imóveis rurais no Brasil em casos de liquidação de transações financeiras e de inadimplência de contratos de alienação fiduciária. Ao mesmo tempo, o Ministério do Meio Ambiente tem atuado em prol de uma política anti-ambientalista no país voltada para o afrouxamento dos controles e exigências ambientais impostas ao setor agropecuário. Encontra-se em tramitação o Projeto de Lei 2.633/20 que

procura acelerar e facilitar os processos de regularização fundiária e que tem sido muito criticado por estabelecer regras que favorecem grandes proprietários que ocupam terras públicas (devolutas e não destinadas), acelerando movimentos de privatização e mercantilização de terras (2021, 469-470)

Os dados revelam que a terra vem assumindo cada vez mais um papel central na economia mundial a partir do estágio atual da financeirização. Porém os lucros auferidos nesse vasto mercado não são transparentes requerendo o aprofundamento de categorias marxianas como a renda da terra para auxiliar no processo de compressão de uma realidade tão complexa que é a agricultura brasileira.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O avanço do capital financeiro proporcionou impactos essenciais na sociedade contemporânea, em destaque no território brasileiro, e deve-se levar em consideração a crise estrutural no final da década de 1970, pois com a crise de superprodução foi-se intensificando as estratégias de exploração tanto dos recursos naturais, quanto da força de trabalho. Neste sentido, a abundância de recursos naturais tornou a América Latina a região perfeita para a exploração e especulação de terras. O estudo realizado demonstra que vem crescendo intensamente a financeirização da agricultura com enfoque para a apropriação fundiária pelo agronegócio brasileiro. O ciclo da pesquisa foi um período rico em conteúdos informativos acadêmicos e investigativos, informações que não são devidamente compartilhadas pela sociedade brasileira devido ao discurso burguês que o agronegócio é o que desenvolve o país, por meio de sua diversidade em alimentos e sustentabilidade, o que é um claro falseamento da realidade. Por essa razão é necessário dar continuidade ao estudo sobre a financeirização de terras, e enfatizar as populações que mais têm sido atingidas pelo avanço desse modo de produção, com destaque para os povos indígenas, camponeses e quilombolas. Neste sentido, a realização de pesquisas de campo que possam demonstrar as condições precárias em que vivem essas populações pode contribuir para evidenciar a atenção da sociedade para a situação de total abandono pelo qual passam essas comunidades na atualidade, vítimas de um modelo de agricultura que depreda o ambiente e promove destruição por onde passa.

REFERÊNCIAS

<https://deolhonosruralistas.com.br/2020/07/13/agronegocio-pode-ter-contaminado-400-mil-trabalhadores-no-brasil-por-covid-19/>

<https://deolhonosruralistas.com.br/2022/07/20/principais-financiadores-da-bancada-ruralista-faturam-mais-de-r-147-trilhao/>

<https://forbes.com.br/forbesagro/2022/01/veja-a-lista-forbes-as-100-maiores-empresas-do-agro/>

<https://forestsandfinance.org/data/>

LENIN, Vladimir Ilitch. Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo. UNICAMP .Campinas, São Paulo. 2011

DE OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. A mundialização da agricultura brasileira. Iandé Editorial. <https://agraria.fflch.usp.br/sites/agraria.fflch.usp.br/files/LIVRO>, v. 20, p. 20, 2016.

XAVIER, Glauber Lopes. Agronegócio e Capitalismo Dependente na América Latina: O Caso Brasileiro. Vitória, v. 9, n. 2, p. 147-160, maio/ago. 2017.